

10

O mascarado

I

César Luchini, jovem generoso, mas temperamental, assistia à reunião espírita, junto dos pais, embora contrafeito.

Demétrio, o orientador desencarnado, falava, benevolente, em torno da educação.

— Meus filhos — dizia em determinado tópico do comentário evangélico —, é preciso amparar a criança, armando-lhe o coração com valores morais. Muita gente acredita que meninos devem andar à solta, como planta de mato agreste. E toca a deixá-los na rua, plenamente à vontade. Entretanto, quando quer couve na horta, dispõe-se a defendê-la e discipliná-la. Ninguém consegue sustentar pequena horta ou jardim sem esforço. Se, no trato da Natureza, a vida pede atenção, como entregar a criança a si mesma? O Espírito comparece no berço com as qualidades felizes ou infelizes que cultivou no passado e, realmente, não pres-

cinde da vigilância e da instrução necessárias para o justo aproveitamento na luta que recomeça. Sabendo, de nossa parte, que a maioria das criaturas torna à reencarnação, em consequência dos próprios erros, é imperioso estender braço forte aos pequeninos, a fim de que, desde cedo, se fortaleçam para o combate às tentações que surgirão deles mesmos. As tendências inferiores são raízes muito difíceis de extirpar. E, se relaxamos, voltam a produzir para o mal, em tempo certo, qual acontece com os vegetais venenosos esquecidos na terra.

Demétrio terminou, pelo médium, encarecendo a gravidade do problema e distribuindo renovadoras consolações.

Em casa, Dona Perpétua, a mãezinha de César, desejando fixar os ensinamentos na memória do filho, comenta, entusiasmada, os merecimentos da alocução.

Enquanto saboreiam o chá, refere-se aos desajustes da infância, como que provocando o moço à conversação.

Após ouvi-la, taciturno, durante muito tempo, César considera:

— Não vejo tanta importância no assunto. Respeito a ideia espírita de amparo à criança, mas acredito que a educação deve ser livre. Contrariar um menino nas inclinações naturais, será torcer-lhe o íntimo. Chego a admitir que muito quadro triste, na delinquência de

jovens, é simples fruto das estranhas exigências de lares, em que pais ignorantes obrigam filhos a crescer com desilusões e recalques...

— Meu filho — interveio Luchini, pai —, liberdade sem dever é sementeira de injustiça e desordem...

César, contudo, rebatia:

— Estou noivo e, a breve tempo, terei minha própria casa. Se Deus confiar-me algum filho, será livre, crescerá sem qualquer prejuízo ou superstição...

Diante do azedume que lhe transparecia da voz, calaram-se os genitores.

E, de vez em vez, quando o tema vinha à tona desse ou daquele entendimento doméstico, o moço tornava à reação, rebelde e agastado.

II

Decorrido algum tempo, César estava casado, pai de família. Em quatro anos, Cilene, a esposa, culta e caprichosa quanto ele mesmo, enriquecera-lhe o coração com dois filhos.

Luís Paulo e Vera Linda cresciam mimados e sorridentes.

Como se o mundo lhes pertencesse, tinham tudo o que desejavam, ao alcance das mãos.

Destruir brinquedos e utilidades parecia neles vocação das primeiras horas.

Eram em casa diabretes incorrigíveis.

Entretanto, que ninguém ralhasse, mesmo de longe.

Aos próprios avós, Cilene e César não regateavam advertências, nos instantes de crise.

— Mãe — dizia o rapaz, desenvolto —, não interfira. Os meninos são livres. Não quero constrangimento.

E a nora confirmava:

— César tem razão. Criança contrariada hoje é doente amanhã. Nossos filhos não crescerão mentalmente desfigurados.

A vida avançou como sempre.

Quatro lustros passaram céleres.

César Luchini, feliz nos negócios, crescia economicamente na capital paulista.

Terrenos supervalorizados e algumas aventuras no câmbio consolidaram-lhe a posição.

Era, enfim, proprietário, com um mundo de amigos.

Os princípios espíritas e os pais, agora desencarnados, haviam desaparecido no tempo.

O casal endinheirado tinha a semana cheia. Clubes, recepções, visitas, jogos...

Materialmente, tudo fácil, como barco em brisa leve, no dia azul.

Contudo, se Vera Linda, não obstante voluntariosa e de trato difícil, perseverava no estudo, preparando o triunfo universitário, Luís Paulo caía no resvaladouro do vício.

Aos vinte e seis de idade, era um cabide de maus costumes.

Debalde tentavam pais e amigos arrebatá-lo às companhias deploráveis e perigosas. Embrutecera-se na vida noturna, consumindo somas consideráveis, inacessível a qualquer reprimenda.

César e a esposa, a princípio, gritaram, admoestaram, reagiram, mas era tarde... E porque tivessem largo programa de vida social a atender, passaram a ignorar a existência do filho, reduzindo-lhe a mesada, na suposição de, com isso, melhorar-lhe os impulsos.

Enquanto o casal de novos ricos se dava ao luxo das viagens constantes, desfrutando o prazer das grandes corridas no automóvel de luxo e favorecendo esportes diversos, abraçando amigos ou bebericando em praias distantes, mergulhava-se o moço na delinquência.

III

Noite agradável de sábado.

O grande jardim, ladeando a casa isolada, recendia perfume raro.

Lá fora, jasmineiros floridos e o vento perpassando pelas folhas das corismeias.

César e Cilene, bem postos, despedem-se da filha que se debruça sobre os livros, à espera de exame próximo.

O casal tem encontro marcado.

Devem abraçar amigos recém-chegados de Nova Iorque, residentes num palacete do Jardim América, mas lhe deixam o número do telefone.

Que a filha não se preocupe.

Visita de pouco tempo.

Vera Linda está só.

Liga o televisor e reparte a atenção entre os livros e um cardápio de músicas televisivadas.

O relógio silencioso marca as horas. Nove, dez, onze...

Súbito, ouve passos. Alguém chega.

Levanta-se, tranquila, na convicção de que os pais estão de regresso.

Contudo, a breve instante, vê um mascarado que lhe aponta um revólver.

— Não grite ou morrerá! — fala, em voz arrastada.

E ordena ríspido:

— Dê-me a chave do cofre. Quero as jóias da casa. Você sabe... Adiante-se, não há tempo a perder...

A moça, lívida, atende ao desconhecido que a impulsiona para o interior, como se conhecesse a intimidade caseira.

Estarrecida, quer pensar, reagir... Mas não pode.

Obedece maquinalmente.

Retira a chave de minúsculo vaso, mas o intruso, de arma em riste, resmunga, firme:

— Abra você.

A moça caminha à frente e penetra no aposento dos pais, seguida pelo malfeitor implacável.

Ao abrir o cofre, lembra-se de que o pai conservava sempre um revólver em pequenina gaveta lateral.

"Não vacilarei" — refletia consigo mesma.

Descerrando a porta de aço, encontra a arma, tateando-a com os dedos finos. E, em movimento brusco, aperta o gatilho de encontro ao desconhecido, fulminando-lhe o coração.

O embuçado desfere grito rouco, cambaleia, e cai banhado em sangue.

A jovem apavorada corre ao telefone e disca.

No Jardim América, César e Cilene jogam calmamente o pif-paf.

O capitalista ouve, então, a voz da filha:

— Papai, papai, venha depressa! Matei um homem... Um ladrão...

Varado de angústia, o casal toma o carro, em companhia de dois amigos. Um deles é médico. Fará quanto possa para amenizar a tragédia.

Em minutos rápidos, o grupo entra em casa.

Vera Linda solução.

Descobrimo, no entanto, a face mascarada do corpo imóvel, surge a surpresa.

O morto é Luís Paulo.

A moça aproxima-se, agora semilouca, e atira-se nos braços hirtos do irmão cadaverizado.

Os pais choram, mas o médico amigo, mentalmente calejado para a solução dos grandes conflitos da consciência, sugere, calmo:

— César, conforme-se. O que está feito, está feito. Estamos à frente de *um suicídio*. Chamarei a assistência e assumirei a responsabilidade.

No outro dia, César e Cilene, de óculos escuros, assistem aos funerais do filho como se estivessem num desfile de modas, e, passados dois meses, sôzinhos e desolados, acompanham a filha num carro fechado, para trançá-la num manicômio.

